

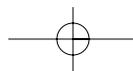
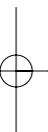
16 de Agosto

Foi assim, pronto. Comecei a gostar muito dele, e daquele cheiro a água de colónia para bebé que lhe anunciava a proximidade. É evidente que nunca duvidei de que ia retirar daquilo alegrias apreciáveis. Mas, de facto, nunca tinha admitido esta hipótese absurda de vir alguma vez a sentir-lhe a falta. Saudades. Ainda antes do conceito, é a própria palavra que me incomoda.

Logo ao princípio, ainda hoje coro quando penso nisso, cheguei a escrever um poema. Foi entre dois assuntos de serviço, e, confesso, falava dele como uma praia luminosa de areias claras. O teu corpo, minha praia, era mais ou menos assim, mas felizmente os meus sistemas internos de alarme ainda funcionaram a tempo. Rasguei aquele vexame poético com uma consciência óbvia do perigo que tinha começado a correr, mas já não pude, ou já não quis, evitar o que compreendi logo que ia seguir-se. Um laço inesperado de ternura começou insensivelmente a envolver-me, muito devagar, até que já era tarde. E eu gostava, claro. Dei comigo a dizê-lo loiro como a ternura, o que só não me parece muito grave porque não acredito que seja eu a única a resvalar com tanta facilidade para o gosto duvidoso dos efeitos fáceis. É bom poder disfrutar assim de uma combinação tão conseguida, transbordante de saúde, um excesso magnífico. Sentia-lhe a



pele como se respirasse ainda a humidade do duche, e uma doçura insustentável veio aos poucos entorpecer-me os sentidos. Todos temos as nossas pequenas fraquezas.



20 de Abril

Não tinha, a seu próprio respeito, uma opinião particularmente simpática. No entanto, entregara-se a esforços sucessivos de recuperação dessa imagem degradada, tentando arrumar tudo, em vassouradas enérgicas, para o canto onde se lhe amontoassem as recordações mais poeirentas. Então estaria livre do peso crescente que todos os momentos assim deitados fora constituíam, e poderia por fim olhá-los com o despreendimento de quem já não sente como seu o passado que recorda. Mas era em vão que se empenhava tanto. Muito no cerne do seu código genético, uma maldição silenciosa e vigilante parecia estar sempre alerta, apostada em gorar-lhe todos os ensejos de pousar o fardo, e nesse gesto transformar em memórias remotas os impulsos que agora lhe eram tão incômodos. Tudo se exacerbou naquela altura, quando, depois de uma viagem em que a noite guardou de novo o calor da terra, e anunciando o fim do Inverno o povoou do perfume das laranjeiras em flor — depois dessa viagem ela regressava à cidade com ele, um amigo de há muitos anos, e sem saber como deu consigo, dentro do carro, enovelada no colo do homem.

Todas as parcelas daquele cenário tinham então uma carga opressiva muito específica. Madrugada, ela com outro dentro do carro, à porta de casa, como nem por sombras era a pri-

meira vez que se encontrava: repetia apenas uma marcação familiar, várias vezes retomada. À porta de outras casas que também tinham sido suas, onde outros homens dormiam. O pior é que não dormiam tranquilos, como este, no sossego do quarto andar. Era-lhe mais fácil imaginá-los esperando-a presos de qualquer turbação ciumenta, prontos ao questionário raivoso que quase seria capaz de formular por eles, porque a sua temática nunca apresentava grandes variações. Poderia sempre, nessas circunstâncias, pensar que era bastante infeliz; e tanto bastava para legitimar as intimidades mais ou menos apressadas a que pudesse estar entregue, num estacionamento qualquer com poucos candeeiros.

Mas, nessa noite, não lhe sobrava nenhuma credibilidade para tais justificações, porque o homem que dormia no quarto andar não lhe perguntaria nada. Se todos os outros se tinham convertido em espaços de tormento, este viera antes estender, tranquilo, uma toalha de paz branca e azul sobre os seus dias. Por isso ela lutara muito por ele, por ambos, por um amor que pudesse viver-se sem rasgões nem torturas. Vira por fim abrir-se à sua frente a idade das águas espelhadas, e, pela primeira vez, tudo lhe parecia certo. Ela singrava naquele mar de acordes perfeitos com a alegria triunfante dos redimidos, transfigurando-se aos olhos emocionados do mundo, para quem requintava o espectáculo da sua harmonia. Como gostara, finalmente, de si própria. E nada pudera resistir ao primeiro aceno das laranjeiras em flor.

Outra vez, pensava ela, e ele, o seu amigo de há muitos anos, corria-lhe os dedos pelo braço. Conhecia bem a força misteriosa dos sopros mensageiros do Verão, e durante muito tempo sorrira ao pressentir que, em cada novo ano, lhe trariam um novo corpo para envolver o seu. No entanto, essa quase fatalidade, que anteriormente transportara consigo numa alegria guerreira, vinha agora segredar a marca do enfado neste entusiasmo brusco dele, o seu amigo de há muitos anos. Tudo fora odiosamente previsível. Ambos se tinham

entretido, e com que demora saborosa, a adiar aquele momento que já percebiam desde há muito como inevitável. Ainda não, diziam então repetidas vezes um ao outro, transbordando malícia nos olhares trocados como promessas escorregadias.

E logo havia de ter sido agora, quando de todas essas Primaveras ela queria fazer memórias inocentes, rumores em cada dia mais afastados, até que a distância os tornasse inócuos. Logo agora, pensava ela, e ele, o seu amigo de há muitos anos, respirava-lhe junto à pele. Afinal não estava livre de nada. De nada, constatava, e o orgulho cedia terreno aos palmos a sensações muito menos gratificantes. Convertia-se numa espécie de pânico, pela ideia de que o deambular pontual de corpo em corpo com o rosário das primaveras pudessem não ter fim. E também em algum cansaço, porque de tanto se encenar a paixão os seus meandros se vão tornando transparentes. Já sabia que agora iam começar a dizer um ao outro como era incrível aquilo ter acontecido, depois de, absolutamente sem segundas intenções, se terem dedicado uma amizade tão sincera, partilhando tendas e praias, violas ao luar e horas de trabalho, desabafos, confidências — sem que nada, mas nada, deixasse adivinhar que um dia seriam eles próprios os envolvidos. Iam rir muito, encostados um ao outro. Como ela já tinha rido muito antes, noutros abraços.

Mas foi só quando pensou que alguém, na rua, poderia estar a vê-los, que se desprendeu dele, o seu amigo de há muitos anos. E subiu as escadas a correr. Como sempre.